

PÔR-DO-SOL (*)

Virgílio Motta Leal Jr.

Estive lá. Deus sabe o que me custou. Ora — pensei — quantos momentos terríveis nos reuniram em lágrimas discretas, silentes; quantos de alegria fizeram uníssonos nosso riso. Não deixaria de estar presente àquele instante de sucumbência total, absoluta. A única, provavelmente, temida por aquele exímio lutador chamado **Carlos Coqueijo Costa**.

A preocupação com o horário, a procura de um lugar até então desconhecido deixaram-me chegar ao "Jardim da Saudade" livre do pranto que me toldaria a visão para o tráfego conturbado da Bonocô.

Durante o trajeto estive pensando e relembando. Coisas remotas, outras recentes.

* * *

Eliezer Audíface, a quem vira há pouco, pediatra de meus filhos e de alguns dos netos, advertira-me, seguidamente, contra a vacinação fora dos postos de saúde oficiais. Ouço, habitualmente, e obedeço, quando o consigo, os conselhos dos sacerdotes, a exemplo de Eliezer e do monsenhor Gaspar Sadoc. Por isso, todos que dependeram de minha iniciativa ou orientação, vacinaram-se, com ou sem campanhas, na Escola de Puericultura, perto de onde morávamos.

Previna-se quanto à vacinação em consultórios ou clínicas particulares — esclarecia-me — pois o vidro aberto e fechado sucessivamente para aplicações espaçadas torna a vacina inócua e, conseqüentemente, não imuniza o paciente.

Foi assim com Leonardo, meu neto: supostamente vacinado, contraíra a perversa paralisia infantil. Meu amigo Leo fora vitimado pelo "vírus selvagem", inobstante "vacinado" na chamada "clínica", impune, como outras, que cobram caro para matar, com as armas da anti-higiene, da ganância, da irresponsabilidade.

Inquietaram-se Aydil e **Coqueijo**, tão logo souberam do fato. Prestos, com sua imensa solicitude — um dos traços que amalgamaram aquela união feita do amor descrito nas epístolas de São Paulo — impregnaram-se de nosso problema. Instaram junto a Joaquim Maurício para que levasse o menino ao Hospital Sarah Kubitschek. Em Brasília, os verdadeiros avós de Leonardo nada poderiam fazer a mais ou de melhor, a partir da recepção no aeroporto, hospedagem, acompanhamento, em suporte ao tratamento deste.

(*) "A Tarde", Salvador, 11.02.88, pág. 6.

Essa dedicação avoenga, atualmente compartilhada pelos "tios" Claudinha e Leur Lomanto, nunca cessara, nem os cansara, que a bondade, quando espontânea e profunda, não se esgota. É manancial dadivoso, doação divina, tranqüila, definitiva.

* * *

Saí passeando com Camila, sem pretender mostrar-lhe nada. Permitindo-lhe descobrir as belezas, os mistérios, a graça universal que inundam o céu, o chão, o mar de Itaparica, e me encantam, desde criança, quando nos contactamos pela primeira vez. Fazia-o, então, por força de indicação médica, na última tentativa de minha mãe salvar a meu pai, extremamente doente, que morrera logo depois. Apesar de minha tristeza enorme.

Level minha netinha a ver o pôr-do-sol, na Rua do Cais, cuidando que ela não pressentisse minha intenção. De repente, no espanto angelical de seus cinco aninhos, ela exclamou: "Meu avô, olhe, o sol está-se escondendo. Está uma titiquinha de unha. Não está bonito?"

"Morria" o sol no horizonte de silhuetas airozas, lindo e muito próximo, num leque, sobre o azul. É assim um fim de tarde.

* * *

Estive lá. Vi o Sol Ingressar no ocaso. Era o "Jardim da Saudade", de horizonte nenhum.

Cada manhã o Sol vai nascer de novo. Carlinhos, explodindo em luz, em vida, em vibrações, ora suaves, ora nervosas, como as que fulgem das palavras canoras que você escreveu.